

DO SABER AO CONHECIMENTO: O PROGRAMA DA EPISTEMOLOGIA PLATÔNICA

FROM KNOWING TO KNOWLEDGE:
THE PROGRAM OF PLATONIC EPISTEMOLOGY

JOSÉ GABRIEL TRINDADE SANTOS*

Resumo: No *Sofista*, Platão reformula a “negativa” como “alteridade” e articula “participação” e “predicação” para habilitar o enunciado para o conhecimento da realidade. O seu objetivo é eliminar os problemas criados pelas críticas de Górgias e Protágoras (“pensamento” e “discurso” não têm acesso ao real) à concepção de Parmênides (para quem “pensar” é um estado cognitivo infalível). Platão resgata a infalibilidade do saber nos diálogos “socráticos”. Todavia, se eleger a “opinião” como “competência cognitiva” (*República* V-VII), não deixa de (no *Teeteto*) apontar a impossibilidade de através dela atingir o “saber”. Todas estas dificuldades são, no *Sofista*, superadas pela proposta de uma epistemologia predicativa.

Palavras-chave: Platão; Epistemologia; contextos não-predicativo/predicativo.

Abstract: In the *Sophist* Plato reformulates the “negative” as “difference” and attaches “participation” to “predication” in order to use *logos* to get at “what is”. His intention is to eliminate the problems posed by Gorgias’ and Protagoras’ (according to which “thought” and *logos* have no access to “what is”) criticisms of Parmenides’ conception of “thought” as an infallible cognitive state. Plato’s “Socratic” dialogues recover the Eleatic conception of an infallible knowledge. However, if Plato considers “opinion” a “cognitive power” (*Republic* V-VII), in the *Theaetetus* he stresses the impossibility of using it to achieve “knowledge”. All these difficulties are overcome in the *Sophist* through the proposal of a predicative epistemology.

Keywords: Plato; Epistemology; Predicative/non-predicative contexts.

Este texto articula o seguinte conjunto de teses:

1. No seu *Da natureza*, ao apontar “que é” como a única “via verdadeira” do “pensar”, Parmênides concebe o “pensamento” como um estado cognitivo infalível;

* Professor na Universidade Federal do Ceará. Email: jtrin41@gmail.com (Uma versão anterior deste texto foi apresentada no XVII Encontro da ANPOF, em Outubro de 2016.)

2. Contra essa concepção, Górgias e Protágoras alegam a impossibilidade de captar o mundo exterior: o primeiro argumentando a inexistência de “o que é” – incognoscível por pensamento e sentidos, intransmissível pelo discurso –; o segundo considerando verdadeira toda e qualquer “opinião”;

3. Os diálogos “socráticos” resgatam a concepção eleática de um saber infalível; todavia, apesar de, na *República* V, a “opinião” ser eleita como “competência cognitiva”, no *Teeteto*, Platão aponta a impossibilidade de através dela atingir o “saber”;

4. A dificuldade é superada no *Sofista* pela reformulação da “negativa” como “alteridade” e a articulação da “participação” e “predicação” na proposta da epistemologia predicativa, cuja finalidade é habilitar o enunciado para o “conhecimento” da realidade.

O texto defende que as inovações do *Sofista* (4) constituem a solução platônica para o conjunto de problemas condensados nas três teses que a antecedem (1-3).

I – EMERGÊNCIA DO SABER

É conhecida, na filosofia grega clássica, a ambivalência das noções de “saber” e “sabedoria”. Contrastando com a sua manifestação “prática” em Homero¹ e a exortação ao cultivo da “excelência”, registrada por Teógnis², acha-se bem assinalada no Poema de Parmênides a associação de “pensar/pensamento” (*noein/noos*: DK28B2.2) a “conhecer” (*gignôskein*: B2.2-7) e a “ser” (*einai*: B3, B8.34), documentando a pesquisa (*dizêsis*: B2.2. *passim*) perseguida pelo “homem sabedor” (*eidota phôta*: B1.3)³.

Iniciado em B2, o argumento da deusa aponta “pensar” (*noêsai*) às duas únicas alternativas (B2.2) – “é/não é” (B2.3a/B2.5a) – caracterizadas pela negativa como opostas e excludentes (segundo as cláusulas que as complementam e confirmam: B2.3b/B2.5b⁴). Tornou-se habitual entre os comentaristas a conjectura de um sujeito implícito para o par “*estin/ouk estin*” (por

¹ *Iliada*, XV 412.

² *Elegias*, 19-38.

³ Cf. SANTOS, J.T. Parmênides e a antepredicatividade. *Filosofia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 32, p. 12, n. 5, 2015.

⁴ Negando “é”, obtém-se “não é”; negando “não é” se regressa a “é”, excluindo uma terceira alternativa (ver B8.15-16). Cf. AUSTIN, S. *Parmenides, Being, Bounds and Logic*. New Haven and London: Yale U. Pr., 1986, p. 12.

exemplo, “o” que é/não é” ou “o que pode ser pensado”⁵). Argumentando contra a necessidade de conjecturar um sujeito implícito para os dois caminhos, proponho que a ausência de um sujeito explícito permita ler não predicativamente as formas verbais usadas. Nesta perspectiva – “é”/“não é” –, são lidos como os nomes dos dois caminhos, constituindo a oposição de um ao outro a premissa sobre a qual todo o argumento repousa⁶.

Esta interpretação assenta no reforço da opção inicial pela via “que é” (B2.3-4), conseguido pela ulterior rejeição da via negativa. Se “não é” é “via incognoscível e inconsumável” (B.2.7-8), a “descartar” (*ean*), por ser “impensável e anônima” (B8.16-18a), a sua rejeição reitera “é” como aquela “que é e é autêntica” (B2.3-4; B6.1-2a; B8.18b). Da disjunção entre duas alternativas contrárias e excludentes, deriva o alinhamento do “pensar” com “é”. Contraposto à incognoscibilidade de “o que não é” (B2.7), “pensar”⁷ pode ser então entendido como o estado cognitivo que proporciona o “conhecimento consumado”⁸ (B2.7b: *anyston*⁹). O argumento é conclusivo. No entanto,

⁵ MOURELATOS, A.P.D. *The Route of Parmenides*. Las Vegas, Zurich, Athens: Parmenides Publishing, 2008, XX, p. 270-276; 333 ss.; OWEN, G. Eleatic Questions. *Classical Quarterly* 10, p. 84-102, 1960, p. 48-81; SANTOS, J.T. Op. cit. (2015), p. 18-20.

⁶ Deste modo eliminando as duas cadeias de problemas implicados seja pela ambiguidade “predicativa/existencial” de *einai* (KAHN, C. *The Verb ‘Be’ in Ancient Greek, With a New Introductory Essay*. Indianapolis: Hackett, 2003, X), seja pelas leituras da negativa aplicadas tanto a formas verbais, quanto a nominais (AUSTIN, S. Op. cit., p. 11-43; MOURELATOS, A.P.D. Op. cit., p. 335-342; SANTOS, J.T. A leitura de “é/não é” a partir de Parmênides, B2. *Dissertatio*, 36, p. 11-31, 2012; _____. Op. cit. (2015), p. 20-22).

⁷ Por analogia com a declaração da impossibilidade de conhecer “o que não é” (B2.7; note-se o reforço do optativo na expressão: *an gnoiês*; ver adiante a n. 10), será possível supor “o que é” como o nome – mas não o objeto – de “o que é presente ao pensar” (B4.1).

⁸ “Se P, então P”: J. Hintikka (HINTIKKA, J. *Knowledge and the Known*. Boston: Reidel Dordrecht, 1974., p. 6-7) ; citando J. Souilhé (*Étude sur le terme Dynamis dans les dialogues de Platon*. Paris: F. Alcan, 1919) e B. Snell (*Die Ausdrücke für den Begriff des Wissens in der vorplatonische Philosophie, Philologische Untersuchungen*, 29, Berlin 1924, p. 33).

⁹ Então, B3 – “O mesmo é pensar e ser” – não faria mais do que registrar a indiscernibilidade de “pensar” e de “ser”, definindo “... o domínio que agrega a competência cognitiva, o seu exercício efetivo e o produto atingido, expressando a condição determinante do conhecimento, de, enquanto tal, fiel à matriz antepredicativa, conhecimento e conhecer serem o mesmo que o conhecido. Não haverá, pois, um processo cognitivo, uma descoberta de algo, nem se poderá conceber um conhecimento equivocado ou falso. Se ‘pensar’ e ‘ser’ são ‘o mesmo’, ‘pensar é ser’ e ‘ser é pensar’, englobando pensamento e pensado na mesmidade de ‘pensar e ser’ (B3) e ‘pensar e aquilo por causa de que há pensamento’ (B8.34). A tese não distingue quem conhece do conhecimento da coisa conhecida, analisando a cognição na relação de um sujeito com um objeto. Pelo contrário, incide sobre a natureza da entidade designada pelo pensamento/conhecimento, que em si inclui conhecer e conhecido” (SANTOS, J.T.

ao advertir o jovem de que terá de aprender as “opiniões dos mortais” (B. 6.4-9), que a seguir associa ao exercício de olhos, ouvidos (B6.5b-6a) e fala (*glôssa*: B7.4-5a), confirmando o anúncio já feito (B1.28-32), a deusa abre uma nova via. Esta nova alternativa contrapõe a “decisão” (*krisis... kekritai*: B8.15-16; *krinai de logôi*: B7.5b) que resolve a disjunção entre as alternativas excludentes – “é”/“não é” (B6.1-2a) – à “errância” (*plattontai, plakton noon*: B6.5-6; *akrita pbyla*: B6.7; *peplanêmenai*: B8.54b) que as conjunta.

Confirmando a advertência que remata B1, a relação entre a “verdade” e as “opiniões dos mortais” (B1.28b-32) constitui a *crux* que afecta todo o argumento. Pois, embora o modo como “aos membros dos homens chega o pensar” (*noos anthropoisi parestêken... hoper phroneei meleôn*: B16.2-3) seja justificado pela “mistura dos membros errantes” (*krasis meleôn polyplankton*: B16.1), ignorando a plenitude do pensamento (*to... pleon esti noêma*: B16.4), a conjunção de “ser e não-ser” (B8.40-41; B6.8-9a) é veementemente condenada pela proibição de “impor que não-entes são” (B7.1).

Como a doxografia confirmará, Parménides deve ter sido o primeiro a notar o conflito resultante da dualidade dos registros cognitivos a que os homens recorrem. De um lado está, “pensar” (*noein*) e “aquilo de que/para que há pensamento” (*bouneken esti noêma*: B8.34): “o que é” (B8.35, 37). Do outro se acha a “opinião” (B19.1), que escuta a enganadora ordem das palavras nomeando duas formas ... opostas (B8.52-53, 55a: “noite e luz”, quando “tudo está cheio de ambas, dado nenhuma ser com nada”: B9.1-4); desta maneira, “estabelecendo um nome para cada coisa” (B19.3). Sem tentar entrever qualquer interpretação da relação entre as duas modalidades cognitivas, desaconselhada pela arbitrariedade no preenchimento de lacuna de B6.3b¹⁰, será lícito supor que o objetivo da mensagem da deusa seja dis-

For a non-predicative Reading of *esti* in Parmenides, the Sophists and Plato. *Méthexis* XXVI, P. 21, 2013). Numa abordagem não-predicativa, “o que é” não pode ser visto como o objeto do “pensar”, pois, como B3 sustenta, “pensar e ser são o mesmo”. Esta posição é reforçada por B8.34: “o mesmo é pensar e aquilo de que/para que (*bouneken*) há pensamento”. As traduções que atendem à “construção potencial/final” – “para pensar”, “para ser” (*eisi noêsai*: B2.2; *esti einai*: B6.1a) – adaptam-se bem a este contexto.

¹⁰ Suprir “afasto” (*eirgô*: B6.3b; a partir do paralelo de B7.2) para preencher a lacuna no verso afecta a interpretação de todo o Poema, reforçando a conotação negativa das “opiniões dos mortais”. Note-se, contudo, que estas nunca são declaradas “errôneas”, mas “errantes”. Neste ponto, creio que, mais do que conjecturar qualquer termo para preencher a lacuna (CORDEIRO, N.-L. Les deux chemins de Parménide dans les fragments 6 et 7. *Phronesis* XXIV, p. 1-32, 1979, p. 140, n. 129; NEHAMAS, A. *Virtues of Authenticity*. Princeton: Princeton U. Pr., 1999,

tinguir “pensamento” e “opinião”, apontando, com o dizer (*logôî*: B7.5¹¹), o pensamento (*noêma*: B7.2b) a “é” (B7.5b-B8.12a; B16.4b), como B8 confirma.

Retirando “o que é” e a problemática do “ser” do foco da argumentação, esta interpretação da “Verdade” tenta reinserir o Poema no contexto epistemológico que lhe é próprio, notando que, com a tese acima expressa, o Eleata não inventa uma faculdade cognitiva superior, não garante que alguém a possua, nem abre a porta a uma realidade inacessível aos mortais. Limita-se a registrar uma dupla evidência. Se, consumado em “o que é” (B8.19, 32, 35, 37), todo “pensamento” é “verdade” (B2.4; B8.18b) – neste pressuposto residindo o fulcro da concepção eleática de Saber –, não existe um “falso conhecimento”. Se “nada não é” (B6.2a), a via “não-verdadeira”¹² (B2.7-8a; B8.17b-18a) nada¹³ conhece.

Esta constatação acarreta múltiplas consequências para a epistemologia da Filosofia Grega Clássica, a mais imediata das quais exacerba a tensão entre as duas modalidades cognitivas referidas no Poema¹⁴. Haverá, pois, que “afastar o pensamento” do costume ... “da vista, ouvido e fala” (B7.2-5a), por não respeitar a exigência da mesmidade de conhecimento e conhecido (B3; B8.34). Avaliada como “regressiva” (*palintropos* – B6.9b), essa prática deixa “as aparências”¹⁵ (*ta dokounta*: B1.31) “aparentemente ser, todas passando através de tudo” (B1. 32), nela se apoiando, “como sinais” (B19.3), “os nomes que os mortais estabeleceram, confiantes de que eram verdade” (B8.38b-41). Esta interpretação do Poema explica a recepção da argumentação

p. 131-132), parece-me mais correto suspender o juízo sobre o alcance da injunção de B6.3. Ver SANTOS, J.T. Op. cit. (2012), p. 14-15, n.8.

¹¹ Cf. SANTOS, J.T. Op. cit. (2012), p. 21-22.

¹² Em Parménides, “não-verdadeiro” não equivale ao “falso”, mas à “indecisão” (B6.7), à “mistura” (B16.1), à “errância” (B6.5-6, B8.54b; num contexto predicativo, ao “vago”: MOURELATOS, A.P.D. Op. cit., p. 342; 347-348).

¹³ Num contexto predicativo, este “nada” deverá ser lido existencialmente. Pelo contrário, lido não predicativamente, o termo refere-se a um “não-conhecimento”; não a um “erro” ou uma “falsidade”, mas a “nenhum conhecimento”.

¹⁴ Da qual já se colhem sinais, por exemplo, na crítica ao recurso dos homens à sensibilidade, em Empédocles (B2, B109), em Anaxágoras (B21) e em Demócrito (A135; B8-B11); bem como nos sofistas.

¹⁵ Esta tradução da expressão usada não se considera devedora da leitura platônica de Parménides, objetivando formulações expressas no Poema, como o “caminho regressivo de todas as coisas” (B6.9b) e “o costume muito experimentado”, de “ver”, “ouvir” e “falar” (B7.3-5a), explicando por que “as aparências aparentemente (*dokimôs*) são...” (B1.31-32). O oxímoro “aparentemente são” justifica a imposição ao “jovem” da obrigação de aprender a “verdade” e as “opiniões dos mortais”.

eleática pela generalidade dos pensadores gregos, nos séculos V-IV a. C. Consagrando Parmênides, cuja argumentação acabou de desmontar em A 2-3, na *Física* A 4, Aristóteles sustentará que, apesar da diversidade das reformulações a que cada um submete o argumento de B8, as teorias físicas dos cosmologistas pós-eleáticos – Empédocles, Anaxágoras, Atomistas – o respeitam integralmente. Por isso, nelas é observada a exclusão de “geração e corrupção” (B8.3b-21), “movimento/mudança” (B8.25-31), “divisibilidade” (B8.22-24) e “incompletude” (B8.32-33)¹⁶.

II – CONTESTAÇÃO DO SABER

A observação do Estagirita explica a presença de Parmênides no domínio da Cosmologia, todavia, a influência do argumento eleático na tradição grega não se limitou a essa disciplina. Em registros epistemológicos, lógico-linguísticos e até psicológicos, em textos que lhes são atribuídos, os sofistas se entregaram à exploração de paradoxos e aporias resultantes da concepção de um Saber infalível, à qual “pensamento” e “sensopercepção” dariam acesso. Contra esse Saber, sustenta Górgias (DK82B3, B3a) um complexo argumento, que Sexto Empírico¹⁷ estrutura em três estádios¹⁸: 1. “nada é” (e “existe”¹⁹); se é, “é incompreensível pelos homens”²⁰; se compreensível, é “incomunicável e inexplicável” a alguém²¹.

No primeiro, depois de ter dissolvido a unidade e existência física de “o que é” (*to on*)²² numa vaga de antíteses (B3.66-76), o sofista desenvolve uma cadeia de falácias com o intuito erístico de denunciar a impossibilidade de

¹⁶ Num contexto não-predicativo, os “sinais” da via “que é” (B8.2 ss.), espalhados ao longo de B8.1-49, são lidos como pressupostos, expressando a impensabilidade e incognoscibilidade de todas as teses que contrariam a unidade, imutabilidade, divisibilidade e incompletude de “é”.

¹⁷ *Adv. Math.*, 65-87.

¹⁸ A mesma divisão se encontra no Tratado Pseudo-aristotélico, *De Melisso, Xenofane, Gorgia* (MXG; DK82B3a).

¹⁹ *Adv. Math.*, 65-76.

²⁰ *Id.* 77-82.

²¹ *Id.* 82-86.

²² Numa abordagem não-predicativa, não é necessário que o argumento de Parmênides, na “Verdade”, seja inserido num contexto ontocosmológico, identificando “o que é” com o mundo sensível. Poderá se limitar a defender a impensabilidade e incognoscibilidade de qualquer tese – ou mesmo de um simples “nome” – que de algum modo implique a contaminação de “é” por “não é”. Não será, porém, nesse registro que os continuadores diretos do Eleata (por exemplo, Melisso, ou Empédocles, B8-15) apontaram a sua influência. No fragmento acima citado, Górgias começa por argumentar a partir da identificação de “o que é” com o cosmos

defender a existência de “o que é”. Nos outros dois estádios, porém, diversifica a sua argumentação em domínios que se estendem da ontoepistemologia à psicologia, terminando na filosofia da linguagem²³.

Se “as coisas pensadas são seres, todo o pensado é e tal como alguém o pense; o que é absurdo” (*apemphainon*: B3.79-80). Portanto, se, ao contrário, “as coisas pensadas não são seres” (*ta phronoumena ... ouk estin onta*), e “o ser não é pensado” (B3.77, 78, 79, 80), nem “se compreende” (*katalambanetai*: B3.82), o todo acesso à realidade exterior se mostra impossível; mesmo que, sendo todo o percebido percebido pelo sentido que o percebe, o pensamento seja pensado pelo critério lhe é próprio (B3.81-82).

E prossegue argumentando que, se o que se vê se diz visível, porque se vê, e o que se ouve, audível, porque se ouve, cada coisa é discernida pelo sentido que lhe é próprio, sendo cada sentido incomunicável com outro (*anexoiston heterôi*: B3.83). Uma vez operada pela análise, a completa cisão entre faculdades cognitivas é transferida para a relação entre perceber e dizer, com a alegação de que a palavra (ou “discurso”: *logos*) difere do pensado e do percebido porque “não é as coisas subjacentes e os seres” (*hypokeimena kai onta*), não chegando “a nossa palavra” ao “ser que subsiste lá fora”, “que está lá fora” (*hypokeitai to on ektos, apo tôn exôthen*: B3.83-86). Não poderá, portanto, ser usada para mostrar a outro o que cada um sente (B3.85), por não ser explicativa (*parastatikos*: B3.85) do que está fora, pois, é este que a torna reveladora (*mênnytikon*: B3.85-86) e não inversamente.

Ao contrário de Górgias, a estratégia de Protágoras não visa à erradicação do Saber, apenas à sua redução à insignificância, mediante a extrema relativização a que é submetido. Não deve, porém, esquecer-se que, na falta de textos originais, os argumentos do sofista chegaram-nos através de Platão. Argumentando contra duas concepções infalibilistas²⁴ do discurso, Sócrates

((68-76), que logo a seguir, optando por uma abordagem ontoepistemológica, identifica com “o mundo exterior”, tal como é captado pela sensopercepção, pensamento e linguagem.

²³ Ao contrário da avaliação puramente negativa da sua argumentação no primeiro estádio (limitando o sentido da negativa à contradição, predicando a parte pelo todo, deixando cair qualificadores para mudar o sentido da cópula e estabelecer contradições entre os termos), nos outros dois estádios, ignorando quantificadores, a argumentação de Górgias denuncia problemas linguísticos não resolvidos na época, que aproveita na sua defesa da Arte Retórica (*Encômio de Helena*: DK82B11.8-20).

²⁴ Neste texto, uso o termo “infalibilismo” para me referir à concepção de “verdade” que exclui a possibilidade do “falso”. Para outro uso do termo, ver: FINE, G. *Conflicting Appearances: Theaetetus* 153d-154b. In GILL, Chr.; McCABE, M. M. (eds.) *Form and Argument in Late Plato*. Oxford: Oxford University Press, 1996, p. 105-106.

critica os sofistas Eutidemo e Dionisodoro, por cuja argumentação Protágoras é responsabilizado²⁵. As alusões do *Eutidemo* e do *Crátilo* são explicitadas no *Teeteto*²⁶, lhe atribuindo a reconstrução do seu pensamento por Sócrates duas teses polêmicas encadeadas: se todas as opiniões são verdadeiras²⁷, são impossíveis tanto a falsidade, como a contradição²⁸. Das posições mencionadas, uma e outra podem ser justificadas a partir das teses eleáticas de que “não é possível conhecer o que não é” (Parménides B2.7) e não se pode sustentar que “não-entes são” (B7.1b²⁹). Mas há que ter em conta as profundas diferenças que separam as linhas de argumentação que as concretizam.

Para Eutidemo e Dionisodoro, “aquele que diz o que é e as coisas que são diz a verdade”³⁰, por ser impossível alguém “dizer as coisas que não são”³¹; bastando-lhe apenas dizer algo para dizer “algo que é”, “sendo todas as coisas do mesmo modo, para todos, ao mesmo tempo e sempre”³². Noutro contexto, Protágoras, sempre segundo Sócrates, alega a dependência das “opiniões” da “verdade das experiências”³³, “de cada um no presente”³⁴.

Como justificação do infalibilismo, Sócrates refere um fluxismo catastrófico, que atribui a Protágoras, Heraclito e Empédocles³⁵, segundo o qual “nada é unidade, algo, ou qualidade”. Desta ontologia resultaria uma concepção não-predicativa do discurso, de acordo com a qual “movimento, deslocação e mistura”³⁶ impediriam tanto a predicação, quanto a própria nomeação. Reforçando adiante³⁷ o apoio a esta tese, Sócrates enquadra a sensopercepção numa ontoepistemologia fluxista, da qual decorre a impossibilidade de

²⁵ Cf. *Eutidemo*, 284a ss.; 286c: *oi amphi Prôtagoran*; ver *Crátilo*, 385e-386d; *Teeteto*, pontualmente, 167a-b, d.

²⁶ *Teeteto*, 152a-179c.

²⁷ *Teeteto*, 170c-171c; ver 167a-b, d.

²⁸ *Crátilo*, 429d; *Eutidemo*, 286b-c; *Teeteto*, 167a.

²⁹ AUSTIN, S. Op. cit., p. 116-123

³⁰ *Eutidemo*, 284a6-7.

³¹ *Eutidemo*, 284b4-5; Parménides B7.1. Note-se que o feminino do artigo definido plural (*ta*: neutro, em Grego) não está em B7.1, nem nas duas citações do verso por Platão, no *Sofista*, 237a; 258d (SANTOS, J.T. Op. cit. (2013), p. 42-43). Enquanto no Eleata a deusa proíbe a contradição, no *Eutidemo*, as formas de *einai* citadas devem ser lidas predicativa e existencialmente. Ver KAHN, C. Op. cit. (2003), X.

³² *Crátilo*, 386d.

³³ *Teeteto*, 167a.

³⁴ Id. 179c.

³⁵ Id. 152e.

³⁶ Id. 152d-e.

³⁷ Id. 153d-154a, 156a-157c.

caracterizar quer “sujeitos percipientes”, quer “objetos percebidos”³⁸, pelo fato de cada membro do par se achar arrastado no fluxo e, por necessidade³⁹, “amarrado”⁴⁰ ao outro⁴¹.

Apesar das diferenças que separam Protágoras de Górgias, as críticas dos dois sofistas ao estatuto do Saber acarretam consequências duradouras na Cultura e no Ensino. Do ponto de vista da Filosofia, lançam algumas das bases sobre as quais se desenvolverá o Ceticismo. De um ponto de vista cultural, iniciam a polêmica que opõe a Filosofia à Retórica, liberando o discurso das constrictões que lhe são impostas pela argumentação eleática.

III – RESGATE DO SABER

Contra os sofistas, no *Fédon* e na *República* V-VII, Platão tenta adequar o infalibilismo do Saber eleático ao seu próprio objetivo, de referir o conhecimento à realidade. Argumentando em linhas não aparentadas, o programa da epistemologia platônica visa a três finalidades paralelas.

Aceitando implicitamente o pressuposto eleático do Saber como um estado cognitivo infalível⁴², nos diálogos “socráticos”, o filósofo aplica a metodologia elênctica ao exame das respostas dadas a questionamentos sobre a natureza, unidade e ensinabilidade da “virtude”⁴³. O seu objetivo é, em última análise, reduzir à aporia as respostas que os seus interlocutores propõem para a sua pergunta – “o que é?” –, evidenciando o “pouco ou nenhum valor da sabedoria humana”⁴⁴.

³⁸ Id. 157a-b; impossibilidade implícita na tese, acima, atribuída a Eutidemo, no *Crátilo*, 386d; cf. SANTOS, J.T. For a non-predicative Reading of *esti* in Parmenides, the Sophists and Plato. *Méthexis* XXVI, 39-50, 2013, p. 44.

³⁹ *Teeteto*, 159a-e.

⁴⁰ Id. 160b7, 7.

⁴¹ Id. 160a-c.

⁴² *Górgias*, 454d; Cf. SANTOS, J. T. O postulado da infalibilidade nos diálogos platônicos. *Classica*, 26, p. 131-144, 2013(2013a). A atribuição a Górgias da impossibilidade de um “saber falso”, por implausível que possa parecer, sugere que a infalibilidade da *epistêmê* constitua opinião corrente.

⁴³ Do fato de as respostas apresentadas pelos interlocutores, incorporando experiências pessoais ou *endoxa*, serem refutadas por Sócrates se pode inferir que a pergunta “O que é?” se refere a entidades inteligíveis, cujo conhecimento se pressupõe ser infalível.

⁴⁴ *Apologia*, 23a-b; Cf. SANTOS, J.T. A *Apologia* e o programa da filosofia platônica. *Arquipé-lago*, Filosofia 6, p. 58-72, 1998.

Focados no desenvolvimento dos pressupostos cognitivos das teorias das “Formas” e da “Reminiscência”, os segundos diálogos manifestam explicitamente a adesão do filósofo à concepção eleática do Saber⁴⁵. Obedecem às finalidades convergentes de mostrar como “é” a realidade (“participação”, “Formas”), de modo a poder ser conhecida, e como “é” o conhecimento (“Reminiscência”, “Formas”), de forma a poder captá-la. Estas duas linhas paralelas da pesquisa inserem-se no contexto de um “dualismo ontoepistemológico”, no qual, através das modalidades cognitivas antes definidas por Parmênides, reformuladas como – “pensamento” e “opinião acompanhada de sensopercepção”⁴⁶ –, os homens têm a aptidão de captar os mundos “visível” (ou “sensível”) e “inteligível”⁴⁷.

É, porém, nesse ponto da argumentação que começam a se manifestar os problemas decorrentes da tensão entre a concepção eleática, da qual Platão mostra partir⁴⁸, e o contexto predicativo no qual insere o argumento de Parmênides. A cognição é caracterizada como a relação pela qual “aquele que conhece” (*ho gignôskôn*) “conhece algo que é”⁴⁹. Começando por opor “que é” a “que não é”, como alternativas contrárias e excludentes, o filósofo segue fielmente o Eleata na tese que comanda o seu argumento, na Verdade: a dedução da necessidade de conhecer “o que é” da impossibilidade de conhecer “o que não é”⁵⁰ (Parmênides B8.15-18; B2.3-8a).

Nesse sentido, a identidade estabelecida entre “conhecimento” (“saber”: *epistêmê*) e “ser” (*on*) é a seguir desdobrada nas duas alternativas opostas: “o que é de todos os modos” e “é de todos os modos cognoscível” e “o que não é de modo nenhum” e “é de nenhum modo de todo incognoscível”⁵¹. Contrapondo dois estados cognitivos ideais – o conhecimento infalível e a ignorância total –, contrários e excludentes, as duas identidades seguem as alternativas expressas no argumento eleático. No entanto, a transferência da oposição contrária e excludente de “é/não é” para a oposição “conhecer/não

⁴⁵ *República* V, 476e *ad fin.*

⁴⁶ *Timeu*, 27d-28a, 51d-e.

⁴⁷ *Fédon*, 78d-79a; *República* VI, 509d-511e, 533a-534a; *Sofista*, 248a, *Timeu*, 51d-e. Ver SANTOS, J. T. Op. cit. (2012), p. 11-15; 47-99.

⁴⁸ Parmênides, B2; *República* V, 476e7-477a1.

⁴⁹ *República* V, 476e7-10.

⁵⁰ O comentário a este argumento da *República* V foi por mim ensaiado em diversos artigos, do último dos quais esta abordagem do problema foi extraída (Preâmbulo do argumento contra os “amadores de espetáculos”: *República* V, 475e4-477a4. *Trilbas Filosóficas* VIII, n. 2, p. 11-31, jul.-dez. 2015 (2015a), p. 16-18; 22-23).

⁵¹ *República* V, 477a3-4.

conhecer” vai eliminar a possibilidade de haver “graus de conhecimento” (por exemplo, “sensopercepção”, “opinião”), inviabilizando a competência cognitiva sobre a qual o argumento a seguir vai se debruçar.

A introdução entre duas alternativas excludentes de uma terceira, designada como “opinião”⁵², ao não consentir que as outras sejam encaradas como excludentes, cancela a premissa pela qual, da impossibilidade de conhecer “o que é”, é deduzida a identidade do conhecimento com “o que é”, sobre a qual assenta o pressuposto da infalibilidade do Saber⁵³.

Passando ao *Teeteto*, seguem então duas consequências lesivas do argumento, despoletando três problemas distintos. O primeiro é o da “opinião”. Não sendo possível liberá-la da dualidade excludente “ser”/“não-ser”, acantonada entre um “saber” inalcançável e a “ignorância” crassa, a “competência intermédia”⁵⁴ não poderá funcionalmente se distinguir delas⁵⁵. E aqui se manifesta o segundo problema, pois, podendo, ao contrário do Saber, a opinião ser “verdadeira” ou “falsa” (OV, OF), será necessário explicar como isso pode ocorrer na percepção, no pensamento e na memória, uma vez que, após a refutação de Protágoras, a possibilidade de haver opiniões falsas tinha ficado estabelecida como uma evidência incontestável.

Por essa razão, o argumento volta-se para uma terceira alternativa: a de, interpretando as “opiniões falsas” como uma “outra opinião”⁵⁶, a falsidade consistir em qualquer equívoco ocorrendo na mente. No entanto, a análise exaustiva de todas as possibilidades confirma que as dualidades “é/não é”, “saber/não saber”, não consentirão uma explicação efetiva do erro, como a que é proporcionada pela combinação das operações cognitivas “sensopercepção”, “memória” e “pensamento”⁵⁷. Em suma, se a OV for identificada com o saber⁵⁸, a OF fica reduzida ao “não-saber”, ao “não-ser”, à “não-percepção”⁵⁹, ou seja, à “ignorância total” que exclui a possibilidade do erro⁶⁰. Consequentemente, para “salvar” a OF, resta renunciar à identificação da OV com o Saber, à

⁵² *República* V, 477b; “opinável”: 478a-b.

⁵³ *República* V, 477e; *Teeteto*, 152a. Na realidade, logo de início, essa inviabilização decorre da colocação, entre “o que é” e “o que não é”, de um “algo” – que só pode ser entendido como um “objeto” do conhecimento. Cf. SANTOS, J.T. Op. cit. (2015), p. 15-16.

⁵⁴ *República* V, 478.

⁵⁵ *Teeteto*, 188a-189b.

⁵⁶ *Allodoxia: Teeteto*, 189b.

⁵⁷ *Teeteto*, 189b-199e.

⁵⁸ Id. 187a.

⁵⁹ Id. 188a, c, e, 189a.

⁶⁰ Cf. SANTOS, J.T. Op. cit. (2015), p. 24-26.

semelhança do que ocorre nos tribunais⁶¹, abandonando o projeto de alguma vez o atingir através dela⁶². Restará apenas a possibilidade de, abandonando a inserção da opinião entre duas alternativas formais e excludentes, abordar a “opinião”, agora como “explicação” de algo, atribuindo V/F à sua expressão num enunciado⁶³. Para aí o diálogo se volta⁶⁴, mas em vão.

IV – O PROJETO DO “CONHECIMENTO”

O *Teeteto* e a notória ausência das Formas da pesquisa nele desenvolvida poderão explicar por que motivo os terceiros diálogos se debruçam sobre o conjunto de problemas estruturais da TF que, aparentemente aos olhos do próprio Platão, os diálogos “anteriores” não terão conseguido resolver com sucesso. Superando tanto a proposta “dualista”, como o infalibilismo cognitivo, a finalidade última do programa de pesquisa desenvolvido nestes diálogos é mostrar como uma concepção coerente e consistente da cognição, que não seja mais entendida como um “estado” – mas como um “processo” –, deve ser capaz de adequar o conhecimento do mundo “insano”⁶⁵, captado pela sensibilidade, à exigência de estabilidade do Ser e Saber, acessíveis pelo “pensamento” e expressáveis pela linguagem.

Para tal, haverá que corrigir a herança do eleatismo, recorrente em sucessivas manifestações da epistemologia não-predicativa que sobrevivem nos diálogos: o dualismo ontoepistemológico estrito, a contraposição do Saber infalível à ignorância e o recurso à “teoria da Participação”, para explicar a “semelhança” do visível ao inteligível.

⁶¹ *Teeteto*, 201a-c.

⁶² Id. 201c-d.

⁶³ Id. 201c-d. Uma tradução corrente da última resposta de Teeteto – “crença verdadeira justificada” – não revela o duplo objetivo que Platão quer atingir com a proposta. Transferindo para o enunciado o encargo de exprimir o pensamento, a “teoria do sonho” (201c ss.) exige que aquele atinja a cognoscibilidade mediante a apresentação de uma “explicação das coisas” (201d, 207b-208c). No entanto, o alcance do primeiro objetivo é rapidamente descartado (206d-e), enquanto o segundo não pode ser atingido (209d-e) pela concepção do enunciado como a menção do sinal que “diferencia [a coisa] de tudo aquilo que se perguntou” (208c).

⁶⁴ 201c *ad finem*.

⁶⁵ *Crátilo*, 440c; *Fédon*, 89e, *República* VII, 523b.

O confronto do contexto predicativo com a não-predicatividade irá obrigar à reconstituição do programa de pesquisa focado na Epistemologia, iniciado no *Mênon*, *Fédon* e *República*, e desenvolvido no *Crátilo* e *Teeteto*, que o *Sofista* consumará. No *Mênon*, a reminiscência é invocada para ultrapassar o chamado “paradoxo de Mênon”⁶⁶: se “ou se sabe ou se não sabe”, a inviabilidade do trânsito entre as duas alternativas excludentes acarreta a impossibilidade da busca e aquisição do Saber⁶⁷. A este argumento, Sócrates contrapõe a teoria de que, existindo na alma⁶⁸, o Saber pode vir a ser recuperado pelo exercício da reminiscência⁶⁹. No entanto, complementando o programa da reminiscência, para resolver o problema da aquisição do conhecimento faltará viabilizar a cooperação da “opinião” com o Saber. Sustentando a continuidade entre uma e outro, é defendido o trânsito do “visível” ao “inteligível”, condensado na “Analogia da Linha”⁷⁰ nas operações da *dianoia*⁷¹. Todavia, em nenhum passo desse diálogo é explicado de que modo esse trânsito – que o “diálogo com o escravo”, no *Mênon*, promete⁷² – se acomoda a uma concepção unificada da atividade cognitiva.

O *Teeteto* aborda o problema posto pelo envolvimento das duas “competências cognitivas” que a *República* relaciona. Afastado o sensismo de Protágoras, que defende a continuidade da sensopercepção com a opinião⁷³, o pensamento (*dianoeisthai*⁷⁴) conjuga dois sentidos da *doxa* que a definição de Teeteto convoca⁷⁵: a “opinião”, produtora do “enunciado”⁷⁶, e a “crença”, que agrega o conjunto das operações psíquicas envolvidas pelo processo do conhecimento (sensopercepção, memória, pensamento⁷⁷), dando origem às dificuldades elencadas atrás.

⁶⁶ *Mênon*, 80d-81a.

⁶⁷ A esperança de poder saber algo de uma entidade cuja natureza se ignora só pode ser preservada pelo recurso ao “método hipotético” (*Mênon*, 87b-c).

⁶⁸ *Mênon*, 81c-d, 85b-86b; *Fédon*, 72e-73a.

⁶⁹ *Mênon*, 81c-86c; *Fédon*, 73c-77a; aí, identificando “ignorância” com “esquecimento”: 75c-e.

⁷⁰ *República* V, 509d-511e.

⁷¹ Id. 510b-e, 511d-e

⁷² *Mênon*, 85c.

⁷³ *Teeteto* 160d, 166c-167b.

⁷⁴ Id. 189e.

⁷⁵ Id. 187b.

⁷⁶ Id. 189e-190a.

⁷⁷ Id. 189b-199e.

Só o *Sofista* superará todas⁷⁸. Platão começa por criticar os “amigos das Formas” propondo a correção do dualismo ontoepistemológico que opõe a “geração à entidade” (*genesis – ousia*), contrapondo o Saber à Opinião⁷⁹. A nova abordagem rejeita a identidade – eleática e platônica – do Saber ao Ser, analisando em termos distintos a “fusão” dos três índices distintivos que caracterizam a *doxa* como competência cognitiva: “crença, aparência e opinião”⁸⁰. Todavia, a inovação que libera a pesquisa da constricção imposta pela argumentação eleática (simultaneamente desmontando a cadeia de aporias a que os sofistas a submetem) manifesta-se na reformulação do sentido “negativa”, que, de “contrariedade”, passa a ser lida como “diferença”. Antes ainda de ser expressamente registrada no diálogo⁸¹, é ela que permite que o Não-Ser venha a poder ser encarado como “outro” em relação ao Ser⁸², existindo não menos que ele⁸³.

Esta inovação manifesta-se logo na abordagem do problema da “participação”, que entendo como a inovação que consagra o abandono do dualismo ontoepistemológico, no programa do *Sofista*. No *Fédon*⁸⁴, a proposta da “participação” visa à superação da dificuldade causada pela reconfiguração do que começa por se manifestar como dois episódios cognitivos paralelos⁸⁵ em “duas espécies de seres”⁸⁶ (*dyo eidê tôn ontôn*⁸⁷). Reconhecendo que a

⁷⁸ Daqui até ao final, retomo, com alterações, o fio condutor da análise desenvolvida em: SANTOS, J.T. Op. cit (2015), p. 26-27.

⁷⁹ *Sofista*, 248a-249d.

⁸⁰ *República*, 477e, 478a-d. Note-se a, acima aludida, desconstrução de que a *doxa* é objeto no *Teeteto* – 189e-199e –, bem como a reconstrução, em síntese, apontada no *Sofista* (264a-b). Este último passo supera definitivamente a abordagem ontoepistemológica, atribuindo ao enunciado predicativo a função de condensar qualquer produto discursivo da “crença”, associado ou não à sensopercepção pela “imaginação” (*phantasia*).

⁸¹ *Sofista*, 257c-258c.

⁸² Id. 255c12-13. Cf. FREDE, M. Plato's *Sophist* on False Statements. In KRAUT, R. (ed.) *The Cambridge Companion to Plato*. Cambridge: Cambridge U. Pr., 1992, p. 401-402; KAHN, C. Op. cit., (2013), p. 10-11; 116.

⁸³ *Sofista*, 256e-258c; BROWN, L. Negation and not-being: Dark Matter in the *Sophist*. In PATTERSON, R.; KARASMIS, V.; HERMANN, A. *Presocratics and Plato: A Festschrift in honour of Charles Kahn*. Las Vegas: Parmenides Publishing, 2013, p. 242-246.

⁸⁴ *Fédon*, 100a-e.

⁸⁵ Id. 100a-e.

⁸⁶ Mesmo que se suponha que *ontôn* se refere a dois “saberes diferentes” (73c,74b, 75a-76a; J. T. Santos 2016, 119-135) e não a “coisas”, é impensável que estes “saberes” se não refiram a “algo”.

⁸⁷ *Fédon* 79a.

captação, através da sensopercepção e na mente (*ennoêsê... en têt dianoiá*⁸⁸), de “saberes diferentes”⁸⁹, requer que um “seja como” o outro⁹⁰, e “aspire a ser como ele”⁹¹, torna-se necessário justificá-la pela tese de que “algo” só é “x” pela “participação” no próprio “X”⁹².

Na *República*⁹³, a competência cognitiva identificada como “saber” é invocada para distinguir “o que participa daquilo em que participa” e contrapor o “amador de espetáculos” ao filósofo. Todavia, no *Parmênides*⁹⁴, essa distinção é aplicada à contraposição do “visível” ao “inteligível”, sendo analisada pelo Eleata na vaga de críticas que dirige à “participação”⁹⁵. Uma vez que Sócrates se mostra incapaz de encontrar respostas para as questões elencadas, é na recomposição da “participação”, no *Sofista*, que novas respostas são encontradas. Superando as perspectivas defendidas, no *Fédon* e na *República*, e no *Parmênides* (que começa por recorrer à “participação” para explicar a determinação do “visível” pelo “inteligível”), o *Sofista* aborda a dificuldade no contexto da “comunhão dos gêneros”, implicitamente renunciando ao dualismo “sensível/inteligível”.

⁸⁸ Id. 73c-d.

⁸⁹ Id. *ibid.*

⁹⁰ *Fédon*, 74d-e.

⁹¹ *Fédon*, 75b *passim*. Deste modo introduzindo a problemática da “semelhança”, apresentada aporeticamente no *Parmênides* (132c-133a).

⁹² *Fédon*, 100c-e; cf. SANTOS, J.T. Observações sobre “o igual” e “os iguais”. *Archai*, 17, p. 119-135, 2016.

⁹³ *República*, 476c-d.

⁹⁴ *Parmênides*, 128e-130a.

⁹⁵ Id. 131a-133a. São as Formas separadas das muitas coisas que delas participam (130b)? De que coisas há Formas (130c)? As coisas recebem delas os seus nomes e são o que são por delas participarem (130e-131a)? Do todo ou de parte da Forma, uma e idêntica, separada dela mesma (130a-b)? Como o dia, ou como a vela (130b)? É a unidade da Forma partilhável nas coisas que dela participam (131c-e)? Ou a participação é explicada por algum “aspecto” (*mia tis idea*), além da Forma e das coisas, comum a ambas, do qual deriva a unidade da Forma, dos dois nascendo uma nova Forma, que, de uma, gerará uma infinita multiplicidade de Formas (132a-b)? Ou será a Forma um pensamento de “algo” que é, um “aspecto único sobre muitos”, sendo tudo a partir de pensamentos; ou serão os pensamentos coisas não pensadas (132b-c)? Finalmente, serão as Formas paradigmas na natureza e as coisas cópias e imagens delas (132c-e)? A relação de “semelhança” que as liga seria reflexiva, ambas participando de um “um” sempre novo, até ao infinito, necessário para explicar cada nova semelhança (132e-133a); ou pelo contrário haverá que renunciar à participação por semelhança (133a)?

A admissão da tese de que “uns gêneros comungam entre si e outros não”⁹⁶, explicada pela inclusão e separação de uns nos outros⁹⁷, transfere a participação para o plano discursivo mediante a concepção do enunciado como “entrelaçamento das Formas” (*logos... symplokê tôn eidôn*⁹⁸). A nova abordagem, caracterizada como a descoberta da “dificuldade da investigação [do ser]”⁹⁹, interroga-se sobre como dois gêneros absolutamente contrários (*enantiôtata*), como o Movimento e o Repouso, podem “ambos e cada um deles ser”¹⁰⁰.

Como é que, ambos “comungando naquilo que o Ser é”¹⁰¹, nem os dois se movem, nem estão em repouso, por serem contraditórios? Por outro lado, como é que não sendo “o Ser ... a combinação de Movimento e Repouso”, pode ser “algo diferente [deles], ele próprio nem parado, nem se movendo”¹⁰²? Para resolver o problema, haverá que distinguir dois regimes de “Ser”¹⁰³. A partir da introdução do Mesmo e do Outro, são distintas duas modalidades do Ser: segundo o Mesmo, cada gênero é em si e por si; segundo o Outro, é em relação aos outros. Esta distinção associa dois regimes coincidentes de “participação” e “predicação” de cada gênero: ora em si mesmo, ora em relação a outro¹⁰⁴. Em si e por si, cada gênero é o que é e, por participar de si mesmo autopredicativamente, “é” o predicado que leva o seu nome¹⁰⁵. Comandado pelo Outro, cada gênero pode ou não se combinar com outros, segundo a relação que rege a predicação normal; unindo ou separando

⁹⁶ *Sofista*, 253b, 254b.

⁹⁷ Id. 253d.

⁹⁸ Id. 259e.

⁹⁹ Id. 249d.

¹⁰⁰ Id. 250a.

¹⁰¹ Id. 250b.

¹⁰² Id. 250c.

¹⁰³ *Sofista*, 254d-255d. Cf. FREDE, M. Op. cit., p. 401-402; KAHN, C. Op. cit. (2013), p. 10-11; 116.

¹⁰⁴ *Sofista*, 255c12-13.

¹⁰⁵ Esta precisão desarma o argumento do Terceiro Homem, avançado no *Parmênides* (132a-b, 132e-133a). Participando em si mesma, cada Forma dispensa a intervenção de uma outra para justificar a “semelhança” que a liga ao predicado. Ver NEHAMAS, A. Op. cit., p. 196-223; ARAÚJO, C. Ser e poder: sobre o governo do filósofo. In ARAÚJO, C. (org.) *Verdade e espetáculo: Platão e a questão do ser*. Rio de Janeiro: Viveiros de Castro Ed., 2014, p. 134-135; ALLEN, R. E. Participation and Predication in Plato's Middle Dialogues. *The Philosophical Review*, 69, No. 2, p. 147-164, 1960, 1965, p. 149-150.

gêneros diferentes, a “participação” preserva a identidade de cada um, determinando o seu lugar no todo englobante do Ser¹⁰⁶.

Nela assenta a teoria do enunciado predicativo, entendido como a “combinação”, por meio da cópula, de “nomes” e “verbos”, cada um dos quais – colocado na posição de “sujeito” e “predicado” –, realiza a função que lhe é própria no enunciado¹⁰⁷. Com esta caracterização, Platão erradica a lógica não-predicativa, que entende a “verdade” do enunciado a partir da de cada nome¹⁰⁸, tomado como a “parte mais pequena” do enunciado¹⁰⁹. Pelo contrário, a nova lógica predicativa condensa “verdade/falsidade” na afirmação ou negação que “combina” nome e verbo, “dizendo as coisas como são ou como não são”¹¹⁰. Desta inovação decorrem a erradicação da concepção “ontológica de verdade”, que a identifica com “o que é”¹¹¹, e a atribuição da “infallibilidade” ao Saber, ambas implícitas na apropriação platônica do argumento de Parmênides, na *República V*.

Após um longo percurso por diversos diálogos, o *Sofista* corrige o erro cometido nesse argumento. Reside ele em continuar a ler a “negativa” como “contrariedade”, quando a introdução da Opinião na posição intermédia entre os termos opostos obriga a passar a lê-la como “diferença”.

[Recebido em novembro 2016; Aceito em dezembro 2016]

REFERÊNCIAS

Fontes e traduções

- PARMÊNIDES. *Da natureza*. Tradução, Notas e Comentários de J. T. Santos. São Paulo: Loyola, 2013.
- PLATÃO. *A República*. Tradução de M. H. da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- _____. *Eutidemo*. Tradução, Introdução e notas de Adriana M. M. F. Nogueira. Lisboa: INCM, 1999.
- _____. *O sofista*. Tradução de J. Maia Jr., H. Murachco, J. T. Santos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

¹⁰⁶ *Sofista* 253d-257a.

¹⁰⁷ Id. 261d-262e.

¹⁰⁸ *Crátilo* 385b, 429b-c, 429d-430^a.

¹⁰⁹ Id. 385b-c.

¹¹⁰ *Sofista*, 263a-263e.

¹¹¹ *Eutidemo* 283e ss., *passim*.

- _____. *Parménides*. Introdução de J. T. Santos, Tradução e Notas de M. J. Figueiredo. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- _____. *Teeteto*. Tradução de A. Nogueira, M. Boeri. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.
- Platone. *Fedone, o dell'anima*. Traduzione, commento e note di Giovanni Casertano. Napoli: Loffredo, 2015.
- Platonis Opera*. Ed. I. Burnet. IV. Oxford: Oxford U. P., 1900-1907.

Livros, Capítulos de livros e Artigos

- ALLEN, R. E. Participation and Predication in Plato's Middle Dialogues. *The Philosophical Review*, 69, No. 2, p. 147-164, 1960, 1965.
- ARAÚJO, C. Ser e poder: sobre o governo do filósofo. In ARAÚJO, C. (org.) *Verdade e espetáculo: Platão e a questão do ser*. Rio de Janeiro: Viveiros de Castro Ed., 2014.
- AUSTIN, S. *Parmenides, Being, Bounds and Logic*. New Haven and London: Yale U. Pr., 1986.
- BROWN, L. Negation and not-being: Dark Matter in the *Sophist*. In PATERSON, R.; KARASMIS, V.; HERMANN, A. *Presocratics and Plato: A Festschrift in honour of Charles Kahn*. Las Vegas: Parmenides Publishing, 2013, p. 233-254.
- BROWN, L. The *Sophist* on Statements, Predication and Falsehood. In FINE, G. (ed.) *The Oxford Handbook of Plato*. Oxford: Oxford U. Pr., p. 437-462, 2008.
- CORDERO, N.-L. *Les deux chemins de Parménide*. Paris/Bruxelles : Vrin/Ousia, 1984.
- CORDERO, N.-L. Les deux chemins de Parménide dans les fragments 6 et 7. *Phronesis* XXIV, p. 1-32, 1979.
- FINE, G. (1999), Knowledge and Belief in *Republic* 5–7. In FINE, G. (ed.) *Plato 1: Metaphysics and Epistemology*. Oxford: Oxford U. Pr., 1999, p. 215-246.
- _____. Conflicting Appearances: *Theaetetus* 153d-154b. In GILL, Chr.; McCABE, M.M. (eds.) *Form and Argument in Late Plato*. Oxford: Oxford University Press, 1996, p. 105-133.
- FREDE, M. Plato's *Sophist* on False Statements. In KRAUT, R. (ed.) *The Cambridge Companion to Plato*. Cambridge: Cambridge U. Pr., 1992, p. 397-424.
- HINTIKKA, J. *Knowledge and the Known*. Boston: Reidel Dordrecht, 1974.
- KAHN, C. *Plato and the post-Socratic Dialogue*. New York: Cambridge Un. Pr., New York, 2014.
- _____. *The Verb 'Be' in Ancient Greek, With a New Introductory Essay*. Indianapolis: Hackett, 2003. (Dordrecht/Boston: Reidel, 1973).
- _____. Some Philosophical Uses of 'to be' in Plato. *Phronesis* 26, 2, p. 105-134, 1981.
- _____. Why Existence does not Emerge as a Distinct Concept in Greek Philosophy. *Archiv für Geschichte der Philosophie* 58, p. 323-334, 1976.
- MOURELATOS, A.P.D. *The Route of Parmenides*. Las Vegas, Zurich, Athens: Parmenides Publishing, 2008.
- NEHAMAS, A. *Virtues of Authenticity*. Princeton: Princeton U. Pr., 1999.
- _____. Plato on the Imperfection of the Sensible World. *American Philosophical Quarterly*, Vol. 12, 105-117, 1975.
- _____. A. Nehamas. Participation and Predication in Plato's Later Thought. *Review of Metaphysics* 36, 343-374, 1982.
- OWEN, G. Eleatic Questions. *Classical Quarterly* 10, p. 84-102 (in *Studies in Presocratic Philosophy II*, Allen and Furley (eds.), p. 48-81, 1960.
- SANTOS, J.T. Observações sobre "o igual" e "os iguais". *Archai*, 17, p. 119-135, 2016.

- _____. (2016a) Reading Plato's *Sophist*. In CORNELLI, G. (ed.) *Plato's Styles and Characters*. Berlin-Boston: De Gruyter, 2016, p. 89-99.
- _____. Parmênides e a antepredicatividade. *Filosofia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 32, p. 9-33, 2015.
- _____. (2015a) Preâmbulo do argumento contra os “amadores de espetáculos”: *República V 475e4-477a4*. *Trilbas Filosóficas VIII*, n. 2, p. 11-31, jul.-dez. 2015.
- _____. (2015b) Parmênides e a antepredicatividade. In BULHÕES, F.; NAHRA, C.L.; SILVA, M.F. (eds.) *Natureza e Metafísica*. Natal: EDUFRN, p. 511-534, 2015.
- _____. Sensopercepção e saber no *Fédon*. *Argumentos* 12, 18-25, 2014.
- _____. For a non-predicative Reading of *esti* in Parmenides, the Sophists and Plato. *Méthexis XXVI*, 39-50, 2013.
- _____. (2013a). O postulado da infalibilidade nos diálogos platônicos. *Classica* 26, 131-144, 2013.
- _____. (2013b) Existência em Parmênides. In CARVALHO, M. *Filosofia Antiga e Medieval*. São Paulo: ANPOF, p. 269-276, 2013.
- _____. A leitura de “é/não é” a partir de Parmênides, B2. *Dissertatio*, 36, p. 11-31, 2012.
- _____. (2012a) A “questão da existência” no Poema de Parmênides. *Filosofia Unisinos*, 13 (2), p. 182-198, Maio-Agosto, 2012.
- _____. (2012b) *Platão, A Construção do Conhecimento*. São Paulo: Paulus, 2012.
- _____. Presença da identidade eleática na Filosofia Grega Clássica. *Journal of Ancient Philosophy*, Unicamp (English ed.), III, 2, 1-41, 2009.
- _____. *A Apologia e o programa da filosofia platônica*. *Arquipélago*, Filosofia 6, p. 58-72, 1998.
- SNELL, B. *Die Ausdrücke für den Begriff des Wissens in der vorplatonische Philosophie, Philologische Untersuchungen*, 29, Berlin, 33, 1924.
- SOUILHÉ, J. *Étude sur le terme Dynamis dans les dialogues de Platon*. Paris: F. Alcan, 1919.
- VLASTOS, G. Degrees of Reality in Plato. in VLASTOS, G. *Platonic Studies*. Princeton: Princeton U. Pr., p. 58-75, 1981.
- WHITE, N. P. *Plato on Knowledge and Reality*. Indianapolis: Hackett, 1976.